

KAUTSKY E LENIN: IMPERIALISMO, GUERRA E PAZ NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Caio Bugiato¹

RESUMO: O texto apresenta as teorias marxistas do imperialismo de Karl Kautsky e Vladimir Lenin. A polêmica entre os autores foi travada em torno da concepção de imperialismo e as consequências desse fenômeno para as relações internacionais da época. De um lado, Kautsky defende a possibilidade de coordenação entre Estados e capitais, que formariam uma aliança pacífica. De outro, Lenin está convencido da inevitabilidade das guerras enquanto perdurar o capitalismo. Assim, os objetivos deste texto são apresentar com mais profundidade o pensamento global dos autores sobre o imperialismo, a guerra e a paz e propor uma conciliação teórica que embase análises sobre relações internacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Kautsky. Lenin. Imperialismo. Relações Internacionais.

Kautsky and Lenin: imperialism, war and peace in international relations.

ABSTRACT: The text introduces the theories about imperialism of Karl Kautsky and Vladimir Lenin. The controversy between the authors surrounded the conception about imperialism and the consequences of this phenomenon for the international relations at the time. In one hand, Kautsky supports the possibility of coordination among the states and capitals, which would form a pacific alliance. On the other, Lenin ensures the inevitability of wars as long as capitalism endures. Therefore, this text aims to introduce deeply the global thought of both authors about imperialism, war and peace and to propose a theoretical conciliation that sustains analysis about contemporary international relations.

Keywords: Kautsky. Lenin. Imperialism. International Relations.

Introdução

Este texto é uma apresentação das clássicas teorias do imperialismo dos marxistas Karl Kautsky (1854-1938), um dos principais dirigentes da socialdemocracia alemã e da II Internacional, e Vladimir Lenin (1870-1924), um dos principais nomes dos bolcheviques e das revoluções na Rússia, e da polêmica entre eles. Contemporâneos, ambos vivenciaram na passagem do século XIX para o XX o fenômeno do imperialismo, a eclosão da Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, de modo que formularam

¹ Professor do curso Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

teorias para entender a realidade das relações internacionais da época e poder atuar sobre ela. Contudo, pensaram tais eventos de forma distinta, assim como propuseram diferentes ações diante deles. Enquanto Kautsky formulou a teoria do ultra-imperialismo, segundo a qual após a guerra uma aliança entre Estados capitalistas tenderia a uma paz democrática e seria o terreno fértil para a revolução socialista, Lenin pensou a guerra como resultado do conflito entre Estados imperialistas e como momento de desencadear lutas para derrubar os governos burgueses, instaurando o socialismo². As divergências entre os autores são esclarecidas a seguir.

Além de ser uma apresentação das teorias do imperialismo, o texto se propõe a dois objetivos. Primeiro, ir além das habituais explicações sobre as teorias de Kautsky e Lenin, que se concentram em um ou dois escritos dos autores. As teorias aqui estão referenciadas em uma ampla bibliografia que oferece o pensamento global de ambos sobre o imperialismo, a guerra e a paz. Segundo, trazer esta polêmica para as Relações Internacionais no Brasil, cujos estudiosos têm se limitado a tratar do imperialismo apenas abordando (muitas vezes de forma caricata) a teoria leninista. Entende-se que ambas as teorias trazem reflexões importantes para as RI e que é possível, mediante um trabalho intelectual de adequações à atualidade, resgatá-las para análises contemporâneas e iniciar uma possível complementariedade entre elas. O que faz este artigo pertinente é a própria dinâmica das relações internacionais do século XXI, que insiste em nos mostrar um mundo de Estados capitalistas lutando por poder e riqueza no sistema internacional.

Assim sendo, o texto abaixo está dividido em três seções: na primeira se apresenta a teoria do imperialismo de Kautsky; na segunda, a de Lenin; e na terceira, procura-se evidenciar quais são as questões levantadas pelas teorias e quais são as propostas para enfrentá-las. Seguem por fim breves considerações finais.

1.Kautsky: a paz ultraimperialista.

O imperialismo “é um produto do capitalismo industrial altamente desenvolvido. Consiste no impulso de todas as nações capitalistas industriais a submeter e anexar regiões *agrárias* cada vez mais vastas, independente da nacionalidade dos povos que as habitam”

² Não é o objetivo deste texto analisar as teorias da revolução socialista e as diferenças entre elas em ambos os autores. Limita-se a apontar um ponto comum entre elas: a revolução consiste na aquisição do poder do Estado pelos trabalhadores, assim como abolição da propriedade privada dos meios de produção e a socialização de tais meios entre os trabalhadores. Igualmente, o texto não trata de diferentes posições teóricas ou políticas por que cada autor por ventura tenha passado ao longo de suas vidas. O foco são as reflexões de ambos sobre imperialismo, guerra e paz.

(KAUTSKY, 2002a, p. 444. Grifos do autor). Isso significa em primeiro lugar que não se poder definir como imperialismo toda expansão territorial do Estado, mas sim aquelas impulsionadas pela interação entre agricultura e indústria.

Sendo assim, Kautsky (2002a) explica o descompasso entre a agricultura – que fornece meios de subsistência e matérias-primas para que ocorra a atividade industrial – e a indústria. Tal descompasso é gerado por uma série de fenômenos sociais como o êxodo rural e o desenvolvimento científico e tecnológico que aumenta a produtividade da indústria. Ademais, existem limitações de acumulação de capital na agricultura que não estão presentes na indústria: a expansão da área geográfica da produção é limitada pelo fator terra, enquanto na indústria a expansão da fábrica depende se o industrial detém meios financeiros para tal; a agricultura opera com a produção e a reprodução de organismos vivos, que não podem ser aceleradas e ampliadas com o aumento da força de trabalho, enquanto que na indústria matéria-prima e força de trabalho são suficientes para expansão; e os produtos agrícolas são muito menos diferenciados do que os produtos industriais (como por exemplo leite x roupas). Além destas limitações, na agricultura a concorrência é menos acirrada do que na indústria, pois os produtos daquela são de primeira necessidade (“O industrial é forçado a lutar muito mais do que o agricultor para vender sua produção”, KAUTSKY, 2002a, p. 453). Assim na indústria a concorrência acarreta a adoção de técnicas mais avançadas (modernização) por cada empresa. A concorrência torna a acumulação uma necessidade para os capitalistas industriais, forçados a expandir e modernizar sua(s) empresa(s), aumentando sua demanda por meios de subsistência e matérias-primas e pelo aumento do mercado para seus produtos³. Em suma, existe um problema no processo de acumulação do capital que é “a tendência, dentro de determinado território, para o desenvolvimento mais rápido da produção industrial que da produção agrícola” (KAUTSKY, 2002a, p. 455). Essa tendência se torna um estímulo intenso para a ampliação do território agrícola que, concomitantemente, fornece à indústria meios de subsistência e matérias-primas e serve de mercado para seus produtos (dupla importância do território agrícola para a indústria). Desse descompasso ainda surgem os problemas da superprodução, uma vez que a produção industrial não

³ Para o capitalismo em geral e não do ponto de vista dos capitalistas individuais: “O crescimento de sua indústria se torna a condição necessária para sua sobrevivência no capitalismo. Ele não pode esperar até que haja um crescimento na demanda por seus produtos, e deve aumentar sua produção. E se a demanda não aumentar naturalmente, ela deve ser estimulada artificialmente” (KAUTSKY, 1914, s/p. Tradução nossa).

encontra mercado para ser absorvida, e do aumento de preços, dado que os produtos agrícolas não atendem a demanda do crescimento industrial. Uma forma de resolver esse descompasso é o imperialismo, que “se trata de um tipo particular de tendência política, que certamente tem como causa o capitalismo moderno, mas não coincide de fato com ele”⁴ (KAUTSKY, 2002a, p. 444).

O imperialismo foi especialmente gerado pelo sistema de aplicação de capitais em países agrários. Como por exemplo, pela construção de ferrovias buscando o desenvolvimento das regiões pouco povoadas. Para protegê-las e assegurar seu funcionamento para os capitalistas, era necessário e dever dos governos que defendam tais interesses. Os governos, a casa dos capitalistas⁵, naturalmente, servem para estes fins de maneira eficiente. Estas observações também se aplicam aos grandes investimentos que procuram gerar o desenvolvimento das minas ou de qualquer outra fonte de riqueza. Assim, esta situação desenvolveu-se a partir da tendência de exportação de capitais para as terras agrárias, esforçando-se para reduzir esses territórios a um estado de dependência política (KAUTSKY, 1914, s/p. Tradução nossa).

O capital que afluí para o país agrário para abrir mercado e desenvolver a produção de matérias-primas (extrativismo e agricultura) abre caminho para proliferação da indústria capitalista. O desenvolvimento de uma indústria capitalista autônoma depende principalmente da força política do Estado. Em alguns países agrários, o Estado é forte o suficiente para garantir sua independência e se utilizar do capital importado para desenvolver uma indústria nacional⁶. O que é um processo indesejado pelos Estados

⁴ Diferentemente de Lenin, para quem o imperialismo é um movimento estrutural da economia capitalista, para Kautsky o imperialismo não é uma fase econômica, mas sim uma forma de política externa, um meio de expansão do capitalismo, uma tendência política, que não é única e poder ser substituída por outra forma. A forma que o precedeu foi o liberalismo/livre mercado, em que os países capitalistas (Inglaterra) vendiam produtos industriais aos países agrícolas, que por sua vez vendiam seus produtos aos capitalistas, numa relação harmoniosa de livre compra e venda.

⁵ A concepção de Kautsky sobre Estado e governo é a que Marx e Engels apresentam no *Manifesto Comunista*: Estado como instrumento de dominação de classe e governo como comitê executivo dos negócios comuns de toda classe burguesa.

⁶ “Um Estado que permanece agrário se enfraquece política e economicamente, perdendo sua autonomia em ambos os aspectos. Daí os esforços para manter ou conquistar a independência nacional, ou para possuir a autonomia necessária para gerar, dentro do ciclo global de circulação capitalista internacional, esforços

industriais, preferindo submeter territórios agrários diretamente (colônias) ou indiretamente (esfera de influência).

O imperialismo, desse modo, que tende a ocupar e subordinar territórios agrários, suscita rivalidade entre Estados capitalistas industriais. Dai resulta uma corrida armamentista e a guerra mundial. Entretanto, do ponto de vista dos capitalistas, a corrida armamentista e a guerra mundial podem deixar de ser de seu interesse (exceto para aqueles que lucram com guerra, por exemplo, a indústria bélica), visto que seus custos passam a onerar a economia capitalista. Pois 1) a grande necessidade que os Estados adquirem, para a corrida armamentista, do mercado monetário resulta no aumento das taxas de juros, o que compromete a própria produção industrial: ao se deparar com juros altos, o investimento na indústria se torna caro. “O imperialismo cava seu próprio túmulo e, de instrumento de desenvolvimento do capitalismo, torna-se um obstáculo” (KAUTSKY, 2002a, p. 461). 2) Surgem oposições contra a política imperialista em regiões agrária desenvolvidas (Estados) que ameaça o funcionamento do imperialismo. 3) Surge uma resistência do proletariado nos países industrializados contra o aumento dos impostos, devido ao aumentos dos custos das empreitadas imperialistas no exterior. 4) A guerra destrói capital (instalações, máquinas, equipamentos). E 5) a burguesia teme o estalo da revolução com a guerra. A economia capitalista fica ameaçada pelo conflito entre seus Estados. “Todos os capitalistas com visão de longo prazo devem hoje gritar a seus companheiros: capitalistas de todo mundo, uni-vos” (KAUTSKY, 2002a, p. 460).

Como o imperialismo é um meio de expansão do capitalismo, uma tendência, uma forma política externa, ele pode ser modificado. Essa mudança passa pelo capital monopolista em geral⁷, “a política das frações capitalistas dominantes na fase do capitalismo avançado” (KAUTSKY, 2002b, p. 471). Assim como a concorrência no mercado nacional gera o monopólio, o mesmo ocorre nas relações do mercado internacional, isto é, pode ocorrer a associação das grandes potências imperialistas como resultado a formação de monopólios internacionais, pondo fim à corrida armamentista. O

para gerar uma indústria autônoma forte que deva apresentar condições de constituir-se como capitalista” (KAUTSKY, 1914b, s/p).

⁷ Escreve-se “capital em geral” porque no texto de 1913, *O imperialismo*, o imperialismo é obra do capital industrial. Mas no texto de 1915, *Dois artigos para uma revisão*, o imperialismo passa a ser comandado pelo capital financeiro (que é monopolista): domínio do capital industrial pelo capital monetário, por parte dos bancos. Citando Rudolf Hilferding, Kautsky afirma que “com o termo imperialismo, ele [Hilferding] designa um particular tipo de política, não uma ‘fase econômica’. O imperialismo, de acordo com ele, é a política favorita do capital financeiro” (KAUTSKY, 2002b, p. 471).

drama da guerra permite aos capitalistas enxergarem maiores possibilidades de obtenção de mais-valia a partir de uma fase que evite o confronto bélico. É possível então transformar a política do imperialismo em uma política de aliança entre os imperialistas, a fase do ultra-imperialismo.

[...] o crescente entrelaçamento entre vários grupos do capital financeiro [nos últimos anos antes da guerra] induziram-se a refletir sobre a possibilidade de que a atual política imperialista seja suplantada por uma nova política, ultra-imperialista, que substitua a luta entre os capitais financeiros nacionais pela exploração comum do mundo, por parte de capital financeiro internacionalmente unificado (KAUTSKY, 2002b, p. 488).

O ultra-imperialismo é uma fase do capitalismo em que as principais potências mundiais renunciam à corrida armamentista (por não haver mais nesses conflitos sentido para o capital) e se reúnem numa federação. Esta federação é definida como uma cartelização da política externa caracterizada por uma aliança dos imperialistas, com objetivo de estabilizar o sistema internacional e garantir a dominação da burguesia. O ultra-imperialismo não é uma trégua, da qual resultaria a paz. A trégua seria usada por cada Estado para acumular armamentos novos e reabrir as feridas da guerra (revanchismo), tornando inevitável uma segunda guerra mundial. Por isso é decisivo o decurso da guerra – que pode levar à destruição total – e a saída da guerra (acordos de paz), pois estes determinarão se o ódio se exaspera entre os Estados e se retomam a corrida armamentista ou se constroem as bases do ultra-imperialismo, uma fase de paz entre as potências capitalistas.

2. Lenin: a guerra imperialista

As relações de exploração e dominação entre a burguesia e o proletariado são garantidas pelo Estado, órgão de dominação de classe, segundo Lenin (1970). Sistematizando as dispersas reflexões de Marx sobre o Estado e, principalmente, apropriando-se das ideias de Engels em *A origem da família da propriedade privada e do Estado*, o autor em *O Estado e a revolução* descreve a essência do Estado no capitalismo (ainda que seu propósito seja a elaboração teórica e prática da revolução socialista). O

Estado – e sua forma nas formações sociais distintas – emerge das contradições materiais da sociedade como uma entidade aparentemente acima dos conflitos sociais para moderar a luta entre as classes. Mas tais aparência e moderação escondem sua característica essencial que é a opressão de classe, “é a criação de uma ‘ordem’ que legaliza e consolida esta opressão, moderando o conflito entre as classes” (LENIN, 1970, p.9). O Estado existe porque existe um conflito de classes, em que é o aparelho repressivo de uma classe dominante. Não há necessidade de Estado sem tal conflito. Portanto, o Estado é produto do antagonismo de classe e, a despeito de suas instituições “democráticas”, é controlado pela burguesia, que, enquanto classe dominante, torna-o sua força armada⁸. E acrescenta a sua crítica o papel mistificador do parlamento do Estado, que parece dirigir o Estado mediante representantes eleitos pelo povo, mas “a verdadeira função do Estado desenvolve-se nos bastidores, é executado pelos departamentos, chancelarias, estados-maiores” (LENIN, 1970, p.53).

Para maior clareza do caráter do Estado no capitalismo, reproduzo uma ideia subjacente nos escritos de Marx, Engels e Lenin sobre classe dominante. A partir da leitura destes autores, entende-se que a classe se torna dominante pela preponderância econômica: controle da economia e exploração da força de trabalho; pelo exercício de poder do Estado: criação e execução de leis, funcionamento prioritário da burocracia civil e do aparelho repressor a seu favor; e pela supremacia de ideias e valores: as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante (esse terceiro elemento é mais evidente em Marx e Engels do que em Lenin). Afirma, então, Lenin citando Engels

Como o Estado nasceu da necessidade de reprimir as contradições das classes, mas como nasce, ao mesmo tempo, no seio do conflito dessas mesmas classes, ele é em regra o estado da classe mais poderosa, da classe que domine economicamente e que, com a ajuda dele, se toma também a classe politicamente dominante, adquirindo assim novos meios para dominar e explorar a classe oprimida (LENIN, 1970, p. 15).

⁸ A teoria da revolução de Lenin passa pelo conceito Estado burguês e que propõe a tomada e a demolição do mesmo pela força – confrontando a força do próprio Estado –, a formação do proletariado como classe dominante (ditadura do proletariado) e a construção de um Estado socialista. Nota-se que Lenin se empenha na formação de um conceito de Estado, ao passo se desconhece tal empeno em Kautsky.

As relações entre a burguesia enquanto classe dominante e o Estado capitalista são retratadas na mesma perspectiva em *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Na teoria do imperialismo, Lenin (2005) atribui protagonismo ao que ele denomina oligarquia financeira, uma junção de setores da burguesia (industriais e banqueiros) que comandam a formação e a atividade de monopólios empresariais na formação social capitalista.

A formação dos monopólios decorre da concorrência de mercado do modo de produção capitalista, que se desenvolve ao ponto de superar esta fase concorrencial e entrar no estágio do capital monopolista, isto é, a formação de grandes conglomerados empresariais nos setores industrial e bancário. Segundo Lenin (2005), os bancos concentram o capital da indústria, que passam a ser gerentes da produção, subordinando as operações industriais e comerciais e controlando a vida econômica da sociedade capitalista. Nesta relação de dependência entre indústria e banco, as atividades se fundem em monopólios e criam o capital financeiro, o capital que os bancos dispõem e que os industriais utilizam, gerido pela oligarquia financeira.

Este processo conta com o amparo do Estado e com a incidência das demandas da oligarquia financeira nas suas instituições, uma vez que

A união pessoal dos bancos com a indústria completa-se com a união pessoal de umas e outras sociedades com o governo. “Lugares nos conselhos de administração - escreve Jeidels - são confiados voluntariamente a personalidades de renome, bem como a antigos funcionários do Estado, os quais podem facilitar (!) em grau considerável as relações com as autoridades”... (LENIN, 2005, p. 42).

É da formação dos monopólios, da oligarquia financeira e das íntimas relações entre classe dominante e Estado que surge o imperialismo. Vejamos⁹. Nas formações sociais onde desenvolvimento econômico atinge a fase do capitalismo monopolista, a abundância de capitais cresce e a taxa de lucro decai por dois motivos: 1) ocorre o aumento da composição orgânica do capital (meios de produção e força de trabalho que geram valor/riqueza), que produz tamanha massa de capital ao ponto de não ser absorvida pela produção como investimento novo – e encaminha-se para os bancos; 2) o aumento

⁹ Recorre-se a Mariutti (2013) para explicar a exportação de capital na teoria do imperialismo de Lenin.

do emprego e desenvolvimento da organização sindical, que dificulta a contratação do exército industrial de reserva e pressiona o aumento dos salários, diminuindo a taxa de exploração da burguesia. Diante desta conjuntura nacional, a oligarquia financeira tende a buscar no exterior (onde 1 e 2 não se verificam), por intermédio dos governos dos Estados, maiores taxas de lucro mediante exportação de capital, não apenas de mercadoria. Lenin chama de imperialismo este processo estrutural que forma monopólios e promove a exportação de capital, com íntima relação entre burguesia e Estado, gerando uma competição intensa entre potências capitalistas. Nesta concorrência interimperialista as burguesias de seus respectivos Estados nacionais lutam pela anexação e pelo controle de novos territórios e mercados, para garantir a reprodução do capital. Ademias, como uma espécie de “efeito colateral”, a exportação de capitais repercute no desenvolvimento do capitalismo em outras formações sociais em que são investidos, criando bases e acelerando o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial.

Lenin define o imperialismo como um fenômeno do desenvolvimento capitalista (capitalismo monopolista), cujos traços fundamentais são os seguintes: A) forte tendência à centralização da produção em trustes e em cartéis, que resultam em grandes monopólios, desempenhando um papel decisivo na vida econômica; B) a fusão do capital bancário e do capital industrial, que cria, baseado neste capital financeiro, uma poderosa oligarquia (burguesia) financeira; C) a exportação de capitais adquire uma importância decisiva, diferentemente da exportação de mercadorias; D) as grandes potências capitalistas partilham o mundo entre si, criando esferas de influência e ocupando territórios; E) para efetivação da divisão territorial do mundo, é travada uma luta intensa entre as grandes potências, uma luta intercapitalista. O que não exclui novas partilhas (LENIN, 2005).

A partilha do mundo envolve uma política militar de um Estado no plano internacional, que tem como adversários outras potências capitalistas (esse é o foco da teoria do imperialismo, o confronto entre grandes potências capitalistas). Os capitalistas não partilham o mundo levados por perversidade, mas segundo o capital, pelo grau de concentração a que se chegou e os novos mercados que este demanda, e segundo a força, a capacidade militar de cada Estado, que varia de acordo com o desenvolvimento econômico e político das formações sociais. Se no centro do sistema internacional ocorre a tensão entre os Estados capitalistas, na periferia a oligarquia financeira estende sua rede de dependência financeira e diplomática sobre as colônias e semicolônias (Estados

formalmente independentes, mas economicamente dependentes e politicamente subordinados aos Estados centrais).

Em suma, para Lenin (2005) a exportação de capitais que caracteriza o imperialismo ocorre num contexto mundial em que as classes dominantes estão divididas em formações sociais nacionais, cujo poder é representado pela força do seu respectivo Estado nacional. A exportação de capitais envolve a mediação dos Estados e coloca suas classes dominantes em confronto potencial. Sua conclusão é que acumulação na fase do capitalismo monopolista origina uma tendência às guerras intercapitalistas. Ou seja, o imperialismo leva à guerra.

A compreensão de Lenin sobre a guerra está referenciada em Carl von Clausewitz, general prussiano que escreveu a celebre obra *Da guerra*¹⁰, publicada postumamente em 1832. Lenin encontrou em Clausewitz¹¹ uma reflexão que entende a guerra com continuidade da política, sem corte ou suspensão entre uma e outra: uma é parte da outra. Ademais, a política tem primazia sobre a guerra, isto é, a política dá origem à guerra e deve ser estudada em primeiro lugar. Então, a dinâmica dos agentes políticos em um Estado continua nas suas relações exteriores, particularmente nos confrontos travados contra outros Estados.

A guerra é a continuação da política por outros meios. Todas as guerras são inseparáveis do sistema político que lhes dão origem. A política que um determinado Estado, uma determinada classe dentro deste Estado, seguiu por longo tempo antes da guerra é inevitavelmente continuada por esta mesma classe durante a

¹⁰ Clausewitz atesta o caráter político da guerra, isto é, a guerra não é o reino do caos, uma aberração involuntária ou a suspensão da política. “A guerra não é um passatempo. Não é uma mera alegria de ousar e vencer, não há lugar para entusiastas irresponsáveis. É um meio sério para atingir um fim sério e toda a sua semelhança pitoresca com um jogo de azar, todas as vicissitudes da paixão, da coragem, da imaginação e do entusiasmo que ela contém, são simplesmente as suas características especiais. Quando comunidades inteiras vão à guerra - nações inteiras e, principalmente, nações civilizadas - o motivo é sempre alguma situação política, e o acontecimento sempre deve-se a algum propósito político. A guerra é, portanto, um ato de política (CLAUSEWITZ, 1984, p.89-90). “Vemos, portanto, que a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas realizada com outros meios”(CLAUSEWITZ, 1984, p.91). “Uma vez mais: a guerra é um instrumento da política. Ela deve manter necessariamente as mesmas características da política e ser medida pelos seus padrões. A condução da guerra, em suas linhas gerais, é portanto a própria política, que ergue a espada em lugar da caneta, mas por causa disto não deixa de pensar de acordo com as suas próprias leis(CLAUSEWITZ, 1984, p.723-724).

¹¹ A primeira citação conhecida de Clausewitz por Lenin é em 1915 (LENIN, 1976), sucedida por muitas outras nos seus escritos sobre a guerra, nas quais a referência ao general prussiano é acompanhada por “um dos maiores autores da historia militar”. Parece-me que Lenin encontra em Clausewitz a ideia catalizadora de seu pensamento sobre a guerra.

guerra, modificando apenas a forma de ação (LENIN, 1964, p. 400. Tradução nossa)¹².

A guerra que Lenin analisa é a guerra dos Estados capitalistas/imperialistas, que é, assim, fruto da política da classe dominante. Nesse sentido, Lenin menciona a política que as burguesias (o grande capital em geral que detém o poder do Estado) propositalmente não seguiram para condenar a corrida armamentista na Europa decorrente do imperialismo e evitar a guerra (LENIN, 1984). A política seguida foi a máxima acumulação do capital, a formação de monopólios e a exportação de capital.

Se o Estado é imperialista, conforme o autor ressalta em *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, então a guerra travada por este Estado (ou por grupos de Estados, como é o caso da Primeira Guerra Mundial, com acordos diplomáticos secretos) é imperialista¹³. A guerra é resultado do imperialismo e tem caráter de classe, desencadeada pelos Estados nacionais e suas classes dominantes, nas condições históricas do capitalismo monopolista. Dessa forma, a guerra é meio político, e por sua vez violento, para a prossecução de políticas condicionadas pelo seu estágio de desenvolvimento histórico.

A guerra é imperialista, relata Lenin, porque “é conduzida pelos capitalistas pela partilha das vantagens que provêm do domínio sobre o mundo, pelos mercados do capital financeiro (bancário), pela submissão dos povos fracos, etc.” (LENIN, 1977a, s/ p.). A guerra, que não tem nada que ver com o proletariado, é conduta da burguesia aliada aos agentes de Estado. Agentes diplomáticos, inclusive, que estabelecem tratados cujo conteúdo promete aos capitalistas lucros – o principal fundamento da diplomacia da época, segundo Lenin – por meio da pilhagem de outros países, tratados que são secretos e mantidos em sigilo pelos Estados em todos os países. Os Estados não conduzem

¹² “War is a continuation of policy by other means. All wars are inseparable from the political systems that engender them. The policy which a given state, a given class within that state, pursued for a long time before the war is inevitably continued by that same class during the war, the form of action alone being changed” (LENIN, 1964, p. 400).

¹³ Lenin diferencia dois tipos históricos de guerras modernas. As primeiras ocorreram entre 1789 e 1871 e foram guerras de libertação nacional, de caráter progressista burguês, contra o regime feudal, o absolutismo e as intervenções estrangeiras. Uma vez que foram direcionadas a estes fins, são consideradas guerras defensivas e justas. As segundas são as guerras da fase monopolista do capitalismo (1876-1914), quando a burguesia se converte de uma força libertadora das nações em uma força opressora das nações. São guerras ofensivas e de caráter reacionário. Com base nestas noções, Lenin ressalta que as guerras devem ser estudadas em seus momentos históricos particulares; devem ser compreendidas decorrentes de condições históricas, quais as classes que a conduzem, em nome de quê. Caso contrário, o entendimento sobre as guerra é estéril (LENIN, 1976a).

abertamente a política externa, assim como os capitalistas não abrem os seus livros comerciais. Nos Estados capitalistas reina a propriedade privada das ações políticas e das operações econômicas. Contudo, em algum momento da partilha imperialista, um ou outro Estado, ou grupo de Estados, deve renunciar a seus objetivos (há um desenvolvimento desigual de poder e riqueza dos Estados), problema este que não é resolvido de forma amigável pelas burguesias. Sai então de cena o agente diplomático e entre o agente militar, a máquina militar do Estado, que, além de arrastar consigo o sistema de alianças dos Estados, traz a “resolução” do impasse por meio da guerra¹⁴ (LENIN, 1977b).

3. Questões a serem enfrentadas

Para Lenin, a guerra – o confronto bélico entre os Estados capitalistas – é uma questão a ser enfrentada. A burguesia, de força libertadora contra o feudalismo e o antigo regime, tornou-se ofensiva aos seus pares estrangeiros e opressora de nações. Sua guerra, conduzida por seus governos, mantém a colonização e a escravidão na periferia, ao mesmo tempo em que intensifica a dominação e a exploração dos trabalhadores no centro. As burguesias em seus países não condenam a corrida armamentista e a guerra e enganam o povo, disfarçando a pilhagem imperialista de ideologia de guerra de libertação nacional (popular e defensiva) contra o jugo estrangeiro¹⁵.

A guerra não é do proletariado, mas das burguesias nacionais e seus governos, que promovem a conquista e o saque de territórios ao mesmo tempo em que torna os trabalhadores de cada país inimigos no campo de batalha. Os governos e a burguesia, além de quebrar a unidade do proletariado e os lançar uns contra os outros, mantêm um sistema de estado de guerra e de censura militar, que persegue o inimigo interno tanto quanto ou mais do que o inimigo externo, arruinando a organização dos trabalhadores.

¹⁴ É evidente que Lenin percebe a imbricação entre política interna e política externa, conforme esta passagem: “No hay idea más errónea ni más nociva que separar la política exterior de la política interior. La monstruosa falacia de esta separación se hace más monstruosa aun precisamente en tempo de guerra. Perl la burguesía hace todo lo posible e imposible para inculcar y apoyar esta idea. Es desconocimiento está incomparablemente más extendido que su ignorancia en materia de política interior. El “secreto” de las relaciones diplomáticas se observa como cosa sagrada en los países capitalistas más libres, en las repúblicas más democráticas” (LENIN, 1973a, p. 203).

¹⁵ Lenin (2005) entende que o imperialismo é a fase do capitalismo agonizante, em fase de decomposição, dado que todas as suas contradições são intensificadas (o monopólio, a guerra). Contudo, ele faz a advertência sobre a possibilidade deste modo de produção “permanecer em estado de decomposição durante um período relativamente longo”.

Nesse contexto, Lenin defere duras críticas às organizações que se reivindicam socialistas, as quais tomaram como suas as posições dos governos imperialistas. Ou seja, manifestaram-se a favor (ou pelo menos silenciaram) da suposta guerra popular e defensiva – por vezes votando pela entrada na guerra nos parlamentos nacionais –, ao invés de denunciar a guerra imperialista, a serviço da burguesia e que rompe a solidariedade internacional do proletariado, desmantelando a mobilização para revolução. Seus principais alvos são o Partido Socialdemocrata Alemão (Lenin enxergava no capitalismo alemão e na organização da socialdemocracia as condições mais propícias para o socialismo), cuja principal liderança é Kautsky e os líderes da II Internacional ou Internacional Socialista (1889-1916), entre os quais também está o socialdemocrata. Lenin os acusa de oportunistas e chauvinistas, traidores do socialismo e das resoluções dos congressos da II Internacional¹⁶, uma vez que se empenharam em

[...] defesa da colaboração das classes, a renúncia à ideia da revolução socialista e aos métodos revolucionários de luta, a adaptação ao nacionalismo burguês, o esquecimento do carácter historicamente transitório das fronteiras da nacionalidade ou da pátria, a transformação da legalidade burguesa num fetiche, a recusa do ponto de vista de classe e da luta de classe com o receio de afastar as “amplas massas da população” (leia-se: a pequena burguesia) — tais são indubitavelmente as bases ideológicas do oportunismo (LENIN, 1977c, s/p.)¹⁷.

¹⁶ “Os oportunistas fizeram fracassar as decisões dos congressos [da II Internacional] de Stuttgart, de Copenhague e de Basileia que obrigavam os socialistas de todos os países a lutar contra o chauvinismo em todas e quaisquer condições, que obrigavam os socialistas a responder a qualquer guerra desencadeada pela burguesia e pelos governos com a redobrada propaganda da guerra civil e da revolução social. A bancarrota da II Internacional é a bancarrota do oportunismo, que se desenvolveu sobre a base das particularidades de uma época histórica passada (a chamada época «pacífica») e que nos últimos anos passou a dominar de facto na Internacional. Os oportunistas há muito que preparavam esta bancarrota, negando a revolução socialista e substituindo-a pelo reformismo burguês; negando a luta de classes e a sua necessária transformação, em determinados momentos, em guerra civil e defendendo a colaboração de classes; pregando o chauvinismo burguês sob o nome de patriotismo e de defesa da pátria e ignorando ou negando a verdade fundamental do socialismo, já exposta no Manifesto Comunista, de que os operários não têm pátria; limitando-se na luta contra o militarismo ao ponto de vista sentimental-filisteu, em vez de reconhecer a necessidade da guerra revolucionária dos proletários de todos os países contra a burguesia de todos os países; transformando a necessária utilização do parlamentarismo burguês e da legalidade burguesa numa feiticização desta legalidade e no esquecimento da obrigatoriedade das formas clandestinas de organização e de agitação nas épocas de crise” (LENIN, 1977c, s/p.)

¹⁷ “La base económica del oportunismo y del socialchovinismo es la misma: los intereses de una capa ínfima de obreros privilegiados y de la pequeña burguesía, que defienden su situación excepcional y su ‘derecho’ a recibir unas migajas de los beneficios que obtiene ‘su’ burguesía nacional del saqueo de otras naciones, de las ventajas que le da su situación de gran potencia, etc. El contenido ideológico y político del oportunismo y del socialchovinismo es el mismo: la colaboración de las clases en vez de la lucha entre

Estes traidores ajudaram a burguesia de todas as grandes potências a travar a guerra com a finalidade de partilhar e explorar o mundo e oprimir os povos. Eles – pequeno círculo da burocracia operária, da aristocracia operária e de companheiros de jornada pequeno-burgueses – em troca receberam algumas migalhas dos grandes lucros da burguesia ao implementar uma política de aliança de uma pequena camada de trabalhadores privilegiados com a "sua" burguesia nacional contra as massas da classe trabalhadora; uma política de colaboração de classes e de renúncia às ações revolucionárias.

A despeito das traições, a palavra de ordem do movimento socialista diante da guerra era transformação da guerra imperialista em guerra civil em cada país (a guerra civil é continuação, desenvolvimento e intensificação da luta de classes), indicada pela resolução do congresso da Basileia em 1912 da II Internacional, de acordo com Lenin. A guerra era um momento de denúncia do capitalismo e do imperialismo e de politização do proletariado para a organização política, tendo em vista a superação do capitalismo e o termo das guerras imperialistas. A guerra provoca crises econômicas e políticas, que devem ser aproveitadas para sacudir as massas e apressar a queda do domínio do capital. Assim a tarefa dos partidos socialistas é explicar que no capitalismo as guerras são conduzidas pelos governos, estão inseparavelmente ligadas à política das classes determinadas e só podem terminar com uma paz democrática oriunda da passagem do poder do Estado para o proletariado: a força capaz pôr fim ao jugo do capital (o socialismo como força para paz). A tarefa dos trabalhadores era explorar as dificuldades do seu governo e da sua burguesia em direção a sua derrocada, o que implicava em colaborar com a derrota do seu Estado na guerra. *“Lo que deben hacer los socialistas es aprovechar la guerra que se hacen los bandidos para derrocar a todos ellos”* (LENIN, 1976a, s/p.).

Contudo, o socialismo não pode vencer simultaneamente em todos os países. Ele pode vencer num só ou em alguns países, o que provocará atritos e intervenções da burguesia dos outros países para derrotar o proletariado vitorioso do Estado socialista. Em tais casos a guerra é legítima e justa, dado que [é uma guerra pelo socialismo, pela libertação de povos contra burguesia – o mais resistente inimigo na passagem ao socialismo. Esta luta deve contar com o apoio do proletariado de todos os países

ellas, la renuncia a los medios revolucionarios de lucha y la ayuda a ‘su’ gobierno en su difícil situación, en lugar de aprovechar sus dificultades en favor de la revolución” (LENIN, 1976a, s/p.)

(internacionalismo proletário), que tem como inimigos comuns os governos imperialistas e as burguesias, para que a revolução não se restrinja a uma ou outra região, mas que seja mundial. Lenin (1977b) escreve que Engels, na sua carta a Kautsky de 12 de Setembro de 1882, tinha razão ao reconhecer a possibilidade de guerras defensivas do socialismo já vitorioso, pois o companheiro de Marx tinha em vista a defesa do Estado em que o proletariado é vitorioso contra a ofensiva da burguesia dos outros países.

Por sua vez, para Kautsky a questão central não é a guerra, pois a política adotada pelos Estados industrializados criou um cenário internacional em que a corrida armamentista leva à guerra mundial. Isto é, a guerra se tornou inevitável naquela conjuntura. O socialdemocrata, então, propõe que “nossa tarefa é ver além da guerra. Tarefa essa que não é fácil, certamente. [Mas] Temos a necessidade de toda nossa força teórica para realiza-la” (KAUTSKY, 2002b, p. 490).

“O veredicto será dado pela saída da guerra”, escrevera (KAUTSKY, 2002b, p. 490). O decurso e a saída da guerra podem ser decisivos para a formação do ultra-imperialismo¹⁸; podem fomentar novas rivalidades interimperialistas ou ensejar um entendimento entre os Estados sobre desarmamento e uma paz duradoura (ultra-imperialismo). O que é vantajoso para o proletariado é o segundo cenário, não o primeiro (mas isso não significa se eximir da luta contra as políticas imperialistas, mas sim lutar contra o imperialismo e o ultra-imperialismo).

Kautsky (1914c) entende que, no primeiro cenário: a política imperialista dos Estados e a guerra reproduzem as rivalidades, mantendo e aprofundando a opressão aos países agrários e aos trabalhadores dos países industriais; ocorre apenas uma trégua (paz provisória) que estimularia uma nova corrida armamentista pelos Estados, impossibilitando qualquer recuperação econômica; os Estados imperialistas diminuem as condições democráticas da sociedade capitalistas; e ficam comprometidos a politização e a organização dos trabalhadores e o estabelecimento de condições para a superação do capitalismo.

Diante deste cenário, para Kautsky, a luta da socialdemocracia era demandar dos governantes a conclusão da guerra, diminuindo as hostilidades entre os Estado, juntamente com o impedimento de humilhações aos vencidos e o apoio ao desarmamento de seu país e de seus vizinhos. Igualmente, a criação de tratados de comércio que

¹⁸ Kautsky (1914c) aponta alguns elementos que devem estar nos acordos de paz, de modo a não criar novas rivalidades imperialistas: democracia, autodeterminação das nações, desarmamento e tratados comerciais que recuperem as economias nacionais.

harmonizassem as diferentes economias nacionais e o aumento da participação popular no governo eram pautas socialdemocratas (KAUTSKY, 1914c). Em suma, a luta da socialdemocracia era por uma forma de saída da guerra que eliminasse as rivalidades imperialistas e estabelecessem condições democráticas de politização e organização dos trabalhadores. Nessa perspectiva, o ultra-imperialismo substituiria as políticas imperialistas e seria uma fase com um nível historicamente necessário para que a socialdemocracia (como regime político) se pudesse instituir e conduzir a transformação do modo de produção capitalista em socialista¹⁹. Kautsky, portanto, mostrava-se contra a luta pelo socialismo antes da constituição da democracia capitalista em um cenário internacional de paz entre os Estados e suas burguesias. O segundo cenário, o ultra-imperialismo, teria as condições de democracia e paz para a revolução socialista. O autor defende o fim da política imperialista e o advento de uma mais democrática para só então o socialismo poder se concretizar.

Certamente a consistência numérica, a organização, a inteligência, a importância política do proletariado dependem do grau atingido pelo modo de produção capitalista. Nesse sentido, é uma “pré-condição para a realização do socialismo”. Mas não dependem apenas disso. Todos os Estados carregam nos ombros sua história, que influencia o presente e estimula ou freia a luta de classes do proletariado e sua força intelectual e política. Direitos democráticos, direitos de voto e de organização, liberdade de imprensa e um elevado nível de educação pública permite um proletariado completamente diverso do que seria encontrado em condições de ignorância e ausência de liberdades (KAUTSKY, 2002b, p. 486).

Kautsky esboça sua posição sobre a paz, a guerra e a revolução desde os textos publicados em 1911 e 1912, *War and peace* e *War and revolution*, respectivamente. Nestes, o autor chama atenção para a magnitude das guerras como locomotivas da história mundial, com potencial de serem forças de novos elementos e com o poder de conduzir a sociedade à democracia e ao socialismo²⁰. Além disso, defende que as condições para a

¹⁹ Kautsky acrescenta que “um regime social-democrático poderá naturalmente instaurar esse modo de produção tão mais facilmente quanto mais encontrar já aplainado o terreno das instituições de empresas cooperativas, comunais, estatais, quanto mais as empresas privadas já estejam concentradas em grandes organizações (KAUTSKY, 2002b, p. 485).

²⁰ “But this should not make us forget the fact that wars have always been powerful locomotives of world history and, at the present time, a European war would occur in a situation where it could fulfill this function to a considerable degree. [...]By this very ruin, it also forces the new element, the element of progress, to a premature test of its forces, which it is not yet up to. For the last half-century every great war on the part of

revolução estariam dadas no que ele chamou de Estados Unidos da Europa, federação entre as potências capitalistas. Esta federação impediria guerras e intervenções estrangeiras entre seus participantes e seria o prelúdio da sociedade socialista²¹.

Considerações finais

As críticas de Lenin a Kautsky sobre a tática revolucionária (em *A revolução proletária e o renegado Kautsky*, por exemplo) se dirigem à luta por uma paz democrática na sociedade capitalista para posteriormente construir a revolução socialista. Para Lenin, a guerra era o momento da revolução, não da reforma. As críticas ao ultra-imperialismo (em *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, por exemplo) vão na mesma linha, pois esta fase seria apenas uma conjectura, que mobilizaria o proletariado para outro propósito, não revolucionário e oportunista. Tais críticas nunca foram respondidas diretamente pelo socialdemocrata. Em contrapartida, Kautsky fazia críticas à Revolução Russa e a forma antidemocrática com a qual os bolcheviques a conduziam (em *A ditadura do proletariado e Terrorismo e comunismo*). Convidado para escrever um artigo na edição de homenagem a Lenin após sua morte em 1924, na revista *Izvestia* do governo soviético, Kautsky escreve sobre sua grande admiração pelo líder bolchevique. No mesmo texto, afirma que este, apesar de ter vivido por décadas na Europa Ocidental, nunca entendeu suas peculiaridades políticas e sociais; suas posições políticas, segue Kautsky, foram muito bem adaptadas às peculiaridades da Rússia, mas para quem conhecia o ocidente europeu não passava de ilusão (KAUTSKY, 1924, s/p.)

Com efeito, o que foi evidenciado neste texto são as diferentes concepções sobre as relações internacionais – envolvendo elementos como guerra, paz, e em menor grau, revolução) – desde teorizações sobre o imperialismo. A rivalidade imperialista de Lenin

a European power has been followed by a revolution, which has been followed in its turn by a counterrevolution — in France in 1871 as well as Russia in 1906. [...] . The terrible days that seem to be before us could carry us forward in our path towards the democratization and the socialization of capitalist society” (KAUTSKY, 1912, s/p.)

²¹ “Moreover, if the Revolution does not spring from the reaction against the burden of armaments, or against the horrors of war, but from some other ground, and it at the beginning it is not international but limited to a single State, it cannot in existing circumstances long remain so. It must spread over into other States, and it is inevitable that these then will combine. Together it is inevitable that these then will combine together in a close confederation which will exclude any possibility of war between themselves. The proletarian International will them have arrived at the reality of existence as a State. The United States of Europe and their final expansion into the United States of the Civilized World – that, and not the single nation is the stately foundation of the coming Socialist Society. What the cantons are for the Switzerland of today the present nations will be of the Socialist Commonwealth on the States of the future” (KAUTSKY, 1911, s/p.).

e a aliança ultraimperialista de Kautsky podem parecer concepções opostas e irreconciliáveis. O próprio Lenin (1984), no prefácio ao livro de Nikolai Bukharin *A economia mundial e o imperialismo*, aponta para esse sentido. Entretanto, faz a ressalva que no plano teórico uma nova fase do capitalismo posterior ao imperialismo, o ultraimperialismo, é possível. Assim sendo, entende-se em primeiro lugar que a dinâmica das relações internacionais contemporâneas (Estados capitalistas que disputam poder e riqueza) permite o resgate com pertinência das teorias do imperialismo do início do século XX, mediante um trabalho teórico de adaptação à atualidade (como se têm empenhado no exterior autores como Leo Panitch, Sam Gindin e Alex Callinicos). Em segundo lugar, a oposição entre as teorias não está dada; é possível que ambas embasem análises sobre as relações internacionais. A aliança ultraimperialista não anula as rivalidades imperialistas e vice-versa, no tempo e no espaço; formam uma espécie de regularidade na política internacional. É possível que prevaleça um processo sobre o outro ou que coexistam (por exemplo, o que significa a tríade Estados Unidos, União Europeia e Japão e o que ela representa hoje em relação à Rússia e China?). Este desenvolvimento teórico está para ser feito nas Relações Internacionais no Brasil.

Referências:

CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra. Princeton: Princeton University Press, 1984. Disponível em: <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/daguerra.pdf>. Último acesso em dezembro de 2016.

KAUTSKY, Karl. Dois artigos para um revisão. In: TEIXEIRA, Aloisio (org.). *Utópicos, heréticos e malditos*. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

_____. Epitaph of Lenin. In: *Izvestia*, 1924. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kautsky/1924/01/lenin.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. Imperialism and the war In: *Die Neue Zeit*, Setembro de 1914a. Disponível em: <http://marxists.org/archive/kautsky/1914/09/war.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. O imperialismo. In: TEIXEIRA, Aloisio (org.). *Utópicos, heréticos e malditos*. Rio de Janeiro: Record, 2002a.

_____. Preparation for peace. In: *Die Neue Zeit*, Outubro de 1914c. Disponível em: <http://marxists.org/archive/kautsky/1914/10/peace.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. Ultra-imperialism. In: *Die Neue Zeit*, Setembro de 1914b. Disponível em: <http://marxists.org/archive/kautsky/1914/09/ultra-imp.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. War and Peace. In: Justice, abril de 1911. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kautsky/1911/04/war1911.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. War and revolution. In: Le Socialisme, novembro de 1912. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kautsky/1912/11/war-revolution.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

LENIN, V. I. A Burguesia e a paz. In: Obras Escolhidas em três tomos, tomo 2, Lisboa: Edições Avante!, 1984. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/05/15.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. A guerra e a social democracia da Rússia. In: Obras Escolhidas em Três Tomos, tomo 2, Lisboa: Edições Avante!, 1977c. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. Discurso a Favor da Resolução Sobre a Guerra. In: Obras Escolhidas em Três Tomos, tomo 2, Lisboa: Edições Avante!, 1977a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/05/10.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. El socialismo y la guerra. In: Tres artículos de Lenin sobre la guerra y la paz. Pequím: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1976a. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1910s/1915sogu.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. La bancarrota de la II Internacional. In: Obras Escogidas en 12 tomos t. V. Moscou: Editorial Progreso, 1973b. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0ByP565N0sPRScXRUMDhnbWRmUWc/edit>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. La política exterior de la revolución rusa. In: Obras, tomo VI. Moscou: Editorial Progreso, 1973a.

_____. O Estado e a revolução. Porto: Vale Formoso, 1970.

_____. O imperialismo, fase superior do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. O Programa Militar da Revolução Proletária. In: Obras Escolhidas em Três Tomos. Lisboa: Edições Avante!, 1977b. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/09/programa.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. Pacifismo burguês y pacifismo socialista. In: Tres artículos de Lenin sobre la guerra y la paz. Pequím: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1976b. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1910s/1917paci.htm>. Último acesso em janeiro de 2017.

_____. Prefácio. In: BUKHARIN, Nicolai. A economia mundial e o imperialism. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. War and Revolution. In: Lenin Collected Works. Volume 24. Moscou: Progress Publishers, 1964. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-24.pdf>. Último acesso em janeiro de 2017.

MARIUTTI, Eduardo. Interpretações clássicas do imperialismo. Texto para discussão 216, IE/UNICAMP. Fevereiro de. 2013.

RECEBIDO EM 05-03-2017

APROVADO EM 31-08-2017